

8

Conclusão

A emergência do Minotauro, tanto no sentido de vir à superfície quanto no sentido de urgência, se dá através de um minucioso resgate, iniciado pelo Surrealismo e talvez previsto pela insurgência de tecnologias voltadas para a investigação do interior, principalmente do corpo humano. O raio-X produz imagens do interior do corpo – imagens que, muitas vezes, chocam e aterrorizam – gerando um duplo do corpo; um simulacro estranho, desconhecido dos nossos lugares mais íntimos. O Minotauro é esse duplo, essa imagem interna, o centro dos nossos labirintos pessoais e monstruosos.

A urgência, hoje, de estabelecer contato com esse monstro se dá no sentido de não se deixar consumir por imagens gastas, reproduzidas excessivamente através da televisão, cinema e literatura; significa percorrer os labirintos, aceitar os monstros e aprender a conviver com nossas monstruosidades e imagens de alteridade.

No que diz respeito a produção de subjetividades, a figura do Minotauro é a presença dos processos de subjetivação – é através da relação com o Outro, com a alteridade desconhecida, o reflexo sem nome em um espelho manchado que o escritor consegue se desarticular das experiências coladas ao seu corpo e gerar um duplo incorpóreo, fantasmático – produzir uma ausência dentro de uma presença. É esse preciso gesto que Michel Leiris, George Bataille, Jorge Luis Borges e Julio Cortázar realizam em suas escritas.

É através do descolamento do Real que Lewis Carroll imagina Wonderland, administrando no mesmo corpo o possível e o impossível; é para essa interseção que a filosofia de Gilles Deleuze aponta: o lugar de fuga, onde os corpos não estão

presos aos processos que os limitam; lugar onde é possível desfazer o corpo, desfazer o rosto e criar uma estrutura nova.

O Minotauro é essa estrutura nova, essa estrutura Outra; ele é o espelho talvez pior que o olhar de Medusa. Perseu encontra uma forma de driblar o olhar monstruoso que petrifica – que produz peso. Umberto Eco, no livro *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, escreve belissimamente sobre esse episódio, estabelecendo as oposições entre peso e leveza através da oposição do olhar de Medusa e o olhar desviado de Perseu – como ele se sustenta no vento, e como, do sangue do monstro que petrifica nasce um cavalo alado.

Seguindo essa lógica, podemos pensar que Teseu é um herói que se vale da cegueira para derrotar o Minotauro; é através da recusa em enxergar o monstro que ele consegue matá-lo – e assim destruir seu duplo: é assim que Teseu se unifica e representa a Razão, a racionalidade, expurgando do seu corpo o lado animal. O Ser Humano não lida, não sabe lidar com o animal, a bestialidade ontológica que carrega desde seu nascimento – bestialidade que se traduz, muitas vezes, em crueldade, perversão, violência, ao invés de ser experimentada como uma outra forma de presença, como Borges e Cortázar tão bem realizam.

Teseu é um herói da esfera da superfície, cego; o Minotauro é um monstro da profundidade, que incorpora a visibilidade – é no corpo do monstro que o Outro é reconhecido, é no diferente que é possível se reconhecer e se pensar como Outro; o Minotauro carrega essa arma silenciosa que é a visão, o espelho sem reflexo, seu próprio corpo.

8.1.

Sobre a experiência do Minotauro

Encerrar um trabalho é sempre uma tarefa que exige mais; o gesto de colocar o ponto final é dramático e absolutamente necessário.

Abordar o Minotauro foi uma experiência estranha, uma experiência que me levou a lugares que eu não imaginava visitar, lugares que eu sabia, tinha consciência da existências mas não me aproximava – não pela distância e sim por uma falta de interesse.

As Touradas, por exemplo, esse lugar que hoje me é tão especial porque constitui um objeto muito específico para mim: um lugar que não é apenas uma arena voltada para a morte, o sangue, um espetáculo cruel e hediondo; hoje, para mim, após essa experiência, a Tourada é um lugar, um acontecimento da ordem dos acontecimentos contraditórios, polêmicos – mais do que tudo, estranho.

Estranho, em primeiro lugar e na concepção de Freud, porque não me é familiar, porque destoa do meu universo cognitivo, está além da minha experiência; estranho porque muita coisa está em jogo em uma Tourada – não só a vida do Touro e do Matador, mas uma experiência mais profunda em relação a própria vida de cada um que assiste ao espetáculo.

Durante a minha pesquisa, pedi um depoimento de três amigas que estiveram em Madrid e assistiram a uma Tourada – eu não tive a oportunidade de ver uma Tourada, quando estive em Madrid ainda tinha uma relação de desinteresse com o tema. Os depoimentos foram variados, mas o tom era o mesmo: um espetáculo visceral, cruel e violento.

Acredito que as Touradas constituem esse tipo de espetáculo, talvez o único espetáculo desse gênero no século XXI – e ainda é uma espécie de “milagre” as Touradas serem oficiais, mesmo com diversos movimentos contra e o mundo ocidental imerso na lógica do “politicamente correto”.

Talvez elas ainda aconteçam por esse motivo: para produzir esse horror, retirar o ser humano de um terrível lugar de acomodação e anestesia, um estado no qual nada atravessa, toda a violência não produz indignação, revolta – as notícias de jornais, os filmes, a miséria, tudo se transforma em uma massa homogênea que só causa um primeiro impacto e depois é passado, arquivo.

Talvez as Touradas e sua permanência estabeleçam um lócus novo e antigo ao mesmo tempo, ponte entre o visceral e o atual – ponte necessária para produzir algum efeito real, autêntico, mesmo que seja de repulsa.

O outro lugar estranho ao qual esse trabalho me levou foi ao Labirinto – não ao meu próprio, mas ao Labirinto de referências e imagens literárias; o lugar estranho tenso que o Minotauro ocupa em um imaginário muito específico e como esse monstro constitui um saber, um conhecimento interessante acerca da experiência humana.

Os monstros em geral sempre exerceram certo fascínio sobre mim.

O estranho, o diferente, o grotesco, todas essas formas me atraem pelo mesmo motivo que o Minotauro atrai Cortázar: ele é o diferente, o poeta, o que enxerga a existência através de outro ângulo. Os monstros possuem visões especiais e específicas da realidade, funcionam como espelhos do que não queremos ser mas está no nosso interior – não há como escapar dos monstros porque eles são criações nossas – uma espécie de duplo que surge no nosso corpo e nós arrancamos, embrulhamos em um lençol velho e jogamos no lixo, sem saber (ou sabendo) que esse pedaço de carne vai viver, crescer e voltar para nos assombrar.

Os monstros constituem um lugar específico e afetivo.

A decisão pelo Minotauro foi bem afetiva. É um dos meus monstros preferidos – hoje talvez seja o primeiro, caso fosse necessário fazer uma lista – porque ele é um acontecimento: fruto de uma relação inesperada, prisioneiro em uma casa monstruosa (assombrada), terrivelmente incompreendido.

Mas o mais fascinante é que a sua monstruosidade é muito peculiar; é apenas um detalhe: a cabeça. Em Cortázar, Teseu fala que se pudesse, salvaria o corpo. Mas a cabeça está irremediavelmente grudada ao corpo, e isso é fascinante: ele constitui um lugar híbrido, duas coisas ao mesmo tempo, um foco de tensões: não é nem homem nem touro.

Ele é excesso e ausência o tempo todo, em todas as suas aparições – Monteiro Lobato usa o figura do Minotauro para construir uma das aventuras de Emília, Narizinho e Pedrinho, também desarticulando a imagem do monstro, o colocando em um lugar dócil e domesticado.

Se fosse para escolher a representação que mais me agrada, fico com Borges e Cortázar. Prefiro o monstro quando ele não é despido da sua monstruosidade, quando ele ainda guarda o que o torna especial, destacável, único; prefiro o monstro quando ele ainda é monstro – o Surrealismo produz releituras interessantes acerca do tema, mas o movimento coloca o Minotauro em um lugar doce demais, talvez; um lugar no qual a monstruosidade é uma espécie de artifício para o choque, uma metáfora do homem em comunhão com a sua parte animal.

O Minotauro não possui parte homem e parte animal – ele é os dois ao mesmo tempo, como aponta Deleuze sobre o paradoxo, o sentido do paradoxo. Não há distinção: isso é Touro e isso é Homem. As características estão fundidas em um corpo. E é isso que o torna especial.

Durante a pesquisa me deparei com analogias interessantes – algumas descartadas e outras aprofundadas. Colocar o Minotauro ao lado de Alice foi uma tarefa estranha e interessante, que surgiu de uma problemática que acredito acontecer com todos que se debruçam com entusiasmo sobre um tema: enxergo Minotauro em tudo.

Ao ler os textos de Deleuze sobre Carroll em *Lógica do Sentido*, li algumas definições que poderiam facilmente ser usadas para definir o Minotauro, e isso me levou a pensar se não existiria, em Carroll – em *Wonderland*, na verdade – um lugar para esse monstro.

Acredito que sim.

Acredito que, ao escrever situações que envolvem corpos tensionados, forças que convivem na mesma estrutura, Carroll abre espaço para o Minotauro – em determinado momento me peguei pensando: não tem mesmo um Minotauro em Alice?

Nessas elaborações, acredito encontrar pontos de tangência entre o Minotauro e Alice, dois personagens que hoje me são muito caros. Alice não é um monstro, mas transita em lugares e situações monstruosas, acontecimentos deslocados da realidade imediata em que vivemos; Alice transita nos sonhos, a substância do Surrealismo. Alice possui uma espécie de “função minotauromáquica”, uma vez que transita em dois lugares ao mesmo tempo, que atravessa a superfície reflexiva do espelho – ela não está aqui nem lá, ela está em lugar que contém tudo ao mesmo tempo, todas as possibilidades, todas as diferenças, todo o estranho, mas nunca se pode dizer que Alice não está aqui ou que isso é real e aquilo não – em Alice, tudo acontece *ao mesmo tempo*, assim como no Minotauro.

No apêndice, apresento um conto no qual escrevo um estranho encontro entre uma Alice e um Minotauro.

A relevância é o outro resultado da minha pesquisa – o resultado acadêmico se encontra nos pontos de tangência, nas análises das obras e autores, nas produções de sentido investigadas entre um texto e outro, nas equivalências entre as estruturas.

O conto é uma espécie de condensação do meu processo.

Não tenho a pretensão de resgatar a Alice de Carroll nem o Minotauro cortazariano e sim de esboçar a minha Alice e o meu Minotauro. Acredito que alcanço uma narrativa breve e satisfatória de um possível encontro entre os dois.

O resto foi um processo intenso e interessante, descobrir autores que trabalharam o tema da tauromaquia, que mergulharam nesse universo; descobrir como o Touro funciona como um duplo do Homem, como atravessa as crises e ressurgem de tempos em tempos em produções por vezes obscuras e por vezes com brilhos específicos.

Viver a experiência do Minotauro é deixar-se contaminar pela alteridade do monstro, perder-se num Labirinto e encontrar a saída – ou produzir alguma espécie de saída e não matar o monstro; aceitá-lo.